

BRASIL - PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

16 DE JUNHO DE 1910

N.º 274

Concurso hippico internacional



(Cliché de J. Benollioli)

O tenente Lourenço Casal Ribeiro no seu cavallo "Ganthois",
vencedor do Grande Premio de Lisboa, no salto de passagem de estrada

Concurso hippico internacional



Um aspecto das tribunas

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

O tempo e o ministerio. Estão feitos, os dois. O sr. Beirão fica e o mau tempo persiste. Uma situação anormal. — A exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes. — O concurso de gado no Campo Grande. — Os jogos Olympicos no hippodromo a Palthavá.

Dois casos preocupam no presente momento a gente portuguesa: a vida do governo e a intemperie. O sr. Beirão, á hora a que escrevo, mantem-se firme como uma rocha, nada decidido a ceder aos adversarios as cadeiras do poder em que os ministros se repimpam com o ar de quem está bem e se deixa estar. Na sessão do dia 6, s. ex., respondendo a esturrados discursos opposicionistas em que lhe intimavam vehementemente a sahida do poder, disse muito seccamente: Fico! No seu rosto se-

vero lia-se uma decisão irrevogavel. Aquelle *fico!* traduzia simplesmente isto: os incommodados é que se mudam; eu estou perfeitamente no governo e não me resolvo a mudar de situação. Isto n'uma sessão que toda a gente julgava seria encerrada em demonstração de sentimento pela morte de um deputado em exercicio, o que não foi levado a effeito porque logo após a homenagem da camara o chefe do governo provocou o debate politico declarando os motivos que levaram o sr. conselheiro Arthur Montenegro a abandonar a pasta da justiça.

Espanto geral! Pois o sr. Beirão podendo adiar pelo menos para 24 horas uma tempestade tremenda, não só não a adiaava como até a provocava?! O sr. Beirão! Aquelle homem circumspecto e sizudo, morigerado, pacato, tão sympathico pela sua modestia só egualavel no seu valor intellectual, tão mettidinho consigo, tão fallinhas mansas, a acirrar questões, a provocar conflictos, a defrontar-se com uma opposição tremenda que o intimava a pôr-se na rua e elle todo refflão a responder-lhe: Fico!

Oh senhores, mas está tudo mudado, tudo! Aqui anda coisa, olá se anda! O cometa, talvez. Porventura influencia do cometa. Eu cá não sei explicar certos phenomenos de outra forma. O sr. Beirão a metter-se em barulhos; junho frio, humido, chuvoso e ventoso... Uma coisa nada tem com a outra, é claro. Eu bem sei que o sr. Beirão não está assim porque o tempo assim está, nem o tempo assim está porque o sr. Beirão está assim. Mas não soffre duvida que os dois andam fora dos eixos e não será arrojado pensar que taes desarranjos proveem de uma só origem (desconhecida, mysteriosa, que á intelligencia humana não é dado adivinhar) tanto mais que os effeitos são perfeitamente eguaes no tempo e no sr. Beirão. Este fica e o tempo persiste. E não se vê volta a dar a este estado de coisas.

A desorientação é geral. Politicos e arthriticos andam ás aranhas. (Em Portugal quem não é politico é arthritico, quando não prelira ser as duas coisas ao mesmo tempo). Os politicos param deante do sr. Beirão e põem-se a miral-o como os saloios á estatua de D. José. E o sr. Beirão fica-se com uma cara de quem diz com os seus bo-



Concurso hippico internacional

Os officiaes hespanhoes que vieram tomar parte no concurso. A' direita D. Martin Uzquiano, do regimento de Affonso XIII, á esquerda D. Celedonio Febrel, da Escolta Real



Concurso hippico internacional

Sua Magestade El-Rei conversando com o tenente Silveira Ramos (Cliché de A. C. Lima).

tões: «Pois sim, vão-se vocês ralando que eu é que não saio enquanto não vier o calor!» Os arthriticos mal saltam da cama vão á janella espreitar o tempo e o vento parece buzinar-lhes aos ouvidos:

«Enquanto o Beirão se aguentar não me tens com outro aspecto!»

E eis aqui está porque se a gente encontra um progressista e lhe pergunta:

— O Beirão vae a terra?

Elle responde.

— Frio, frio...

E se a gente o interroga:

— O Beirão aguenta-se?

Elle pisca o olho e diz:

— Quente, quente...

Generalisou-se a convicção de que tempo e governo andam feitos.

Uma senhora das minhas relações, que soffre muito com o calor, dizia-me hontem:

— Deus conserve o governo até outubro!

E a minha creada ouvindo hontem á noite palavras de admiração por o ministerio se aguentar, foi á janella, mirou os astros e disse abanando a cabeça:

— Ah, lá isso, até ao quarto minguante não temos outro governo. E é isto. A' hora e na data em que escrevo o boletim politico-



Concurso hippico internacional

O tenente Jara de Carvalho montado no cavallo alazão Elmo vencedor do 1.º premio (rs. 300\$000) da grande prova militar nacional

(Cliché de J. Benollet).

meteorológico é este: tempo borrascoso, opposição de muita vaga e governo firme.

E' claro que d'um momento para o outro tudo muda e que o ministerio, á data da distribuição do numero do *Brasil-Portugal* a que esta chronica se destina, pode estar em terra. Em tal caso teremos um calor de rachar e devem ser muitos os casos de insolação. Confiamos, porém, que a Providencia se compadecerá de nós. Tudo o leva a crêr. Dizem-me n'este momento, que o sr. Beirão tendo convidado ha pouco os collegas para conselho, amanhã, voltou á porta da escada e curvando-se sobre o corrimão gritou para baixo:

— Tragam os sobretudos, não se esqueçam dos sobretudos que o tempo continua a não estar seguro.

E elle que o diz lá tem as suas razões.

Na fórma do louvavel costume, a Sociedade Nacional de Bellas Artes abriu a sua exposição annual na Academia. E' o acontecimento



Concurso hippico internacional

Antonio Pereira de Carvalho, o vencedor das provas disputadas por discipulos

(Cliché de A. C. Lima).

artístico da quinzena, essa exposição, que, valha a verdade, não é nada animadora.

Um estrangeiro que lá entre e queira, muito naturalmente, inferir da exposição o nosso progresso artistico, sahirá algo descoroçoado. E a razão estará menos na deficiencia da exposição do que na ausencia dos mais authenticos representantes da pintura em Portu-



Concurso hippico internacional

O official hespanhol D. Martin Uzquiano no cavallo Cetro

(Cliché de J. Benollet).

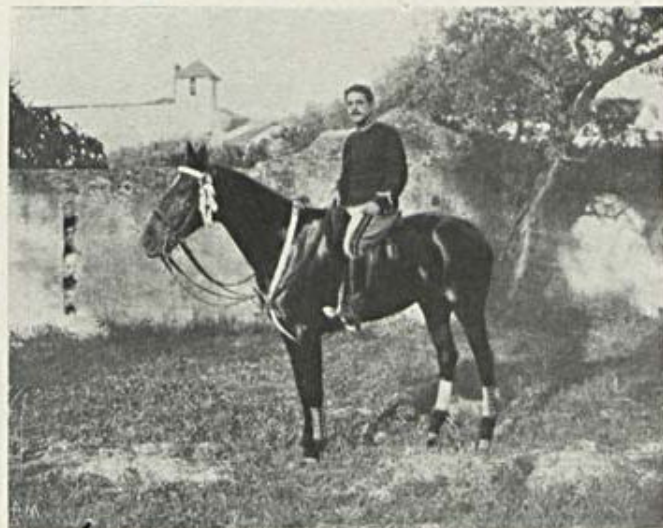
gal, entre os quaes alguns professores da Academia, que podendo brilhar pela produção que d'elles ha sempre a esperar, preferem brilhar... pela ausencia.

Em todo o caso ha alli trabalhos de incontestavel valor e excellentes promessas. Não é o bastante, sem duvida, mas é alguma coisa de consolador. Vê-se ao menos que os que começam trabalham com ardor na ancia de attingirem a perfeição e conquistarem logar de destaque.

Pois que Deus continue a encorajal-os e vão trabalhando... até á hora de lhes chegar o desanimo. O que tem de ser tem muita força.

Quem tinha razão era o velho Pereira Carrilho quando dizia: «Não ha outros portuguezes, não ha outros portuguezes! Que havemos nós de fazer!»

Muito curioso o concurso das raças turina e hollandesa, promovido pela Real Associação Central de Agricultura Portugueza, no



Concurso hippico internacional

O alferes João C. de Mendonça, montando a egua Elsa vencedora do 1.º premio (rs. 50\$000) da apresentação de cavallos e eguas nacionaes

(Cliché de A. C. Lima).

Campo Grande. Abriu no domingo, 5, com forte concorrência que admirou alguns exemplares, magníficos em ambas as classes.

Se não me engano o numero de lavradores excedeu o do anno an-

terior, o que é para louvar. O que não sofre duvida é que a exposição d'este anno foi superior á ultima.

Não é este dos menos importantes serviços que a Real Associação Central de Agricultura Portuguesa vem prestando á lavoura nacional com a sua persistente acção. Vê-se que não descoroça, an-



Concurso hippico internacional

O tenente Lourenço Casal Ribeiro no cavallo Ganthois, vencedor do Grande Premio de Lisboa, (Rs. 1:000\$000), conduzido á mão pelo juiz do campo

tes insiste com energia que parece encontrar nas horas de desanimo e adversidade que tem passado, e não tem sido poucas.

Merece os maiores louvores o gremio que tão desveladamente pugna pelos interesses da classe importantissima que representa e tão nobremente luta pelo seu nivel moral. Oxalá elle possa encontrar sempre, quer na iniciativa official quer na particular, aquelle espirito de solidariedade sem o qual resultam inuteis os esforços mais dedicados.

Os sports estão na berra. Ora ainda bem, visto que toda a gente espera a melhoria da nossa raça pelo cyclismo, pelo hippismo, pelo soquismo e outras coisas em que é muito entendido o sr. dr. José Pontes e das quaes eu não percebo nem patavina, nem quero perceber, o que é mais alguma coisa. Mas vejo que os outros se interessam até á paixão por esses assumptos e tanto basta para que eu applauda ás mãos ambas. Até ahí contem comigo. Mas em tudo o



Concurso hippico internacional

Alguns dos premiados na corrida do Grande Premio. A' frente o tenente Casal Ribeiro

que diga respeito a arriscar as costellas ou a apanhar uma coça, não estou em casa para ninguém. A raça a que pertenco que se desenvolve até rebentar de força, visto que gosta. Eu reservo-me o direito de morrer torto como nasci.

Veiu isto a proposito de se ter realisado tambem no dia 5, e á hora em que os boisinhos pacíficos do Campo Grande eram admirados por gente pacata, uma festa em que os cavallos fizeram coisas do arco da velha, montados por quem se pôde metter n'essas altas cavallarias, tão altas que cavalleiro e cavallo saltam obstaculos enor-

mes com a facilidade com que eu salto pocinhas no Chiado na minha estação de sport, que é de novembro a março.

Parece, segundo as gazetas, que o amigo portuguez fez uma figura distinctissima ao lado do mano hespanhol e do primo francez



Concurso hippico internacional

Jayme Alto Mearim no cavallo Farinello vencedor do 1.º premio (Rs. 50\$000) de apresentação de cavallos e eguas estrangeiras

nas tres provas: nacional, percurso de caça e campeonato da altura. Que lhe preste.

Para mais esclarecimentos

(vejam-se as presentes gravuras)

como se diz nos compendios de physica.

CAMARA LIMA

N'um postal

Por queres namorar,
tua mãe soluça e chora...
Esta vida é só amor,
namora, Santa, namora,

E se ella se queixar
entre um soluço e um ai,
dize-lhe, Santa, que ella
tambem namorou teu pae.

Lisboa

Mário Salgueiro.



Concurso hippico internacional

O tenente Silveira Ramos montado no cavallo Scott de raça portugueza, vencedor do 1.º premio (Rs. 200\$000) da prova Omnium destinada a cavallos e eguas de toda a procedencia (Clichés de J. Benoliel).



Os fundadores da «Sociedade Hippica Portuguesa»

Tenente Pereira Cabral, Jayme Roque do Pinho (Alto Mearim), Xavier de Almeida, tenente Latino e Pedro de Mello (Santar).

A proposito do recente concurso hippico internacional promovido pelo Turf Club, festa brilhantissima a que n'este numero do Brasil-Portugal consagramos algumas paginas, achamos interessante dedicar esta



Outra sala

à Sociedade Hippica Portuguesa, uma das nossas mais modernas e não obstante das mais florescentes aggremações.

Installada n'um bello primeiro andar da rua Ivens, as suas salas mobiladas à ingleza, o seu bello jardim, o conforto que offerece aos seus associados e sobretudo o nobre fim a que se destina — o cultivo do hippismo — um dos mais uteis ramos de sport, tudo isto lhe tem angariado, no curto espaço de seis mezes de existencia, cerca de 350 socios, o que é muitissimo n'um meio como o nosso.

As nossas gravuras representam aspectos d'algumas das salas da Sociedade Hippica Portuguesa, dando portanto uma idea, embora incompleta, da sua magnifica installação. Publicamos tambem um grupo dos seus principaes fundadores, vendo-se entre elles os srs. Xavier de Almeida e Pereira Cabral, official de cavallaria.

Foram estes que com Silveira Ramos primeiro pensaram na fundação do elegante club.

Fecha a pagina um grupo dos convivas que assistiram ao almoço offerecido aos concorrentes estrangeiros que tomam

parte no concurso hippico, almoço que constituiu a primeira festa official da Sociedade Hippica Portuguesa e que por signal foi caracterizado pela sua elegancia e pela animação com que decorreu.

«Sociedade Hippica Portuguesa»



Salão principal

CARTA

Rogo-lhe aqui n'este abraço d'esta carta mal rimada que vá de dia ao terraço e chegue á noite á sacada.

Pois o moço de monoculo que habita o segundo andar dia em que a vê por um oculo passa de noite a chorar.

Fonfoura Xavier.

Sala de leitura

Grupo de convivas que assistiram ao almoço offerecido pela Sociedade Hippica Portuguesa aos concorrentes estrangeiros que tomaram parte no Congresso Hippico Internacional



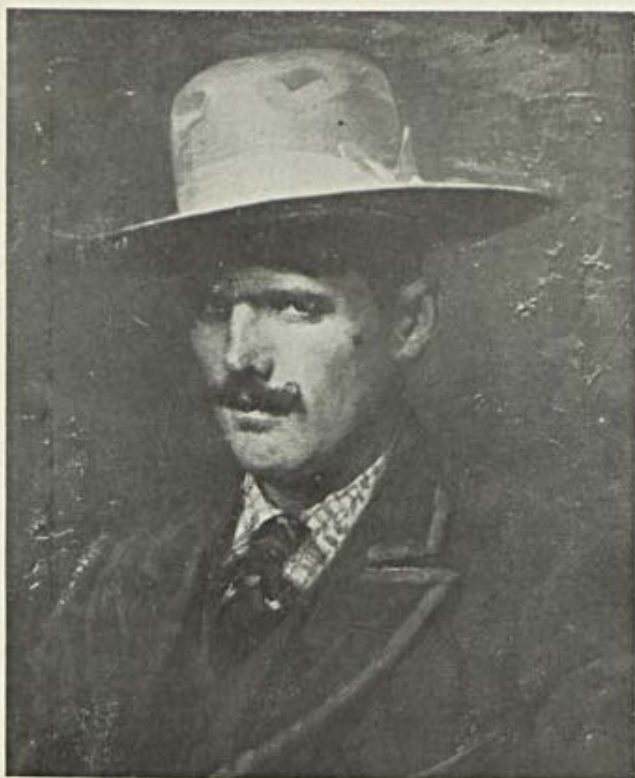
1.º plano — Da esquerda para a direita: capitão Thoria, tenente hespanhol D. Martin Uzquiano, coronel Albuquerque, tenente hespanhol Febrel, visconde de Mairós, dr. Manuel de Castro Pereira, Manuel Figueira Freire da Camara, conselheiro Costa e Francisco Calvente.

2.º plano — Manuel Costa, Ventura de Vilhena, D. Jorge de Menezes, Eduardo Romero, Silveira Ramos, José Cirne e visconde de Coruche.

3.º plano — Antonio Madeira, José Augusto dos Santos, D. Ruy da Cunha Menezes, Abreu Loureiro, Eduardo Maia, Zuzarte de Mascarenhas, Jayme Alto Mearim, Manuel Latino, marquez de Bellas, Xavier de Almeida, José Cahol e Jara de Carvalho.

(Clichés de A. C. Lima).

Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes



Retrato
Quadro de José Malhão

(Cliché de J. Benoit).



Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes
Quadro a óleo de Henrique Franco

(Cliché de A. C. Lima).

Ponta Delgada — Açores

O pintor portuguez André Reinoso

São dois os artistas portuguezes conhecidos pelo appellido de — Reinoso — um de nome Diogo e outro André. As noticias que d'elles temos são muito vagas.

Raczinsky fala de ambos (1) admittindo a sua existencia e considerando Diogo anterior a André.

Depois diz apenas que viveu este ultimo por 1611.

Nesse mesmo artigo encontramos nós: uns, affirmando não ter havido senão um pintor Reinoso a quem dão os dois ditos nomes indifferentemente, e Taborda, limitando-se a dizer que não ha dados bem certos sobre André Reinoso.

Eis o que pude colher, na verdade bastante incerto e nebuloso.

A noticia que a seguir vae transcripta fará até certo ponto incidir alguma luz no esbatido e vacillante nome que serve de epigraphe a estas linhas.

Nas despesas feitas com a construcção de uma ermida que se encontrava no local onde hoje está a penitenciária d'esta cidade, e que era da invocação de Nossa Senhora da Boa Nova, levantada no anno de 1610, depara-se-nos o seguinte lançamento: (2)

«Custou o feitiço do painel de Nossa Senhora em Lisboa ao Reinoso 20\$000 réis.»

Possuiu portanto a ermida um quadro representando Nossa Senhora pintado por um artista — Reinoso — que trabalhava em Lisboa no anno de 1610, parecendo bastante conhecido pela forma como a elle se refere a mesma nota, — ao Reinoso —, e ainda existir n'este tempo um só d'este appellido n'aquella cidade, porque se houvesse outro mencionaria naturalmente o nome.

Será Diogo Reinoso de quem falla o sr. Souza Viterbo (3) e tambem o conde de Raczinsky? (4)

Ou será antes André Reinoso, a quem se refere egualmente este illustre escriptor? (5)

E' este o ponto que vamos procurar esclarecer.

Sendo certa a noticia, que o sr. Souza Viterbo transcreve, de ter ido Diogo Reinoso estudar á Italia por ordem do rei D. Manuel, deve ser desde já posto de lado no nosso caso, porque fallecendo este monarcha a 13 de dezembro de 1521, e admittindo as hyphoteses de o ter



Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes
Quadro a óleo de Frederico Ayres

(Cliché de A. C. Lima).

O segundo concurso pecuario das raças turina e hollandeza promovido pela Real Associação Central de Agricultura Portuguesa



O sr. D. Manuel examinando alguns dos animais que concorreram (Cliché de J. Benoliel). e conversando com os expositores

mandado n'este anno para o estrangeiro e com 15 annos de idade apenas, só poderia trabalhar em 1610 com 96 o que muito difficilmente se pode acceitar.

Este artista apparece em uma lista dos melhores pintores portuguezes, que começa por Grão Vasco, feita pelo padre Diogo Barbosa Machado e transcripta pelo conde de Raczinsky.

De André Reynoso, diz este eminente critico de arte ter sido contemporaneo de José d'Avellar Rebello, que segundo Cyrillo fez algumas obras entre 1639 e 1650 e é a elle, accrescenta, que se attribuem uma adoração dos Magos, uma Natividade e outros quadros mais da igreja de S. Roque de Lisboa.

Estas datas approximam-se bem da nossa de 1610.

D'estes dados deprehende-se:

1.º — que existiram com certeza dois pintores com o appellido Reynoso, um Diogo e outro André, podendo terem sido contemporaneos.

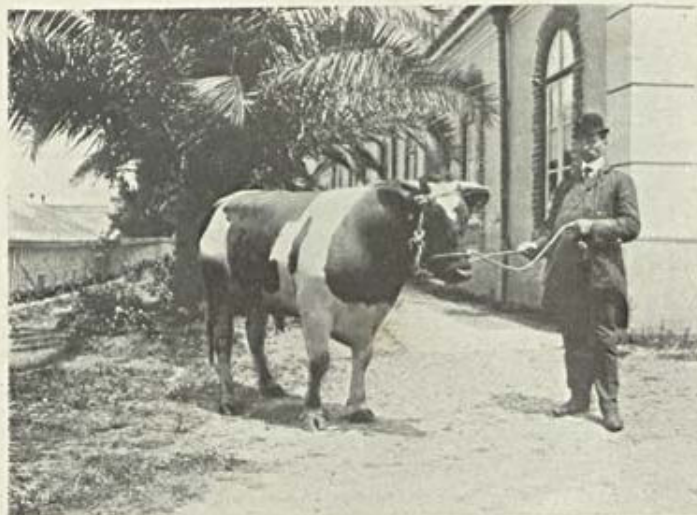
2.º — que o primeiro devia ter morrido já em 1610, pela avançada idade (difficil de attingir), em que iria, se fosse vivo, e ainda pelo facto de a noticia parecer indicar, como dissémos, haver só um pintor d'aquelle sobrenome e trabalhar em Lisboa.

3.º — que o primeiro foi considerado um dos nossos mais valiosos artistas, ao passo que o segundo foi pintor menos brilhante.

4.º — que Diogo Reynoso viveu pela primeira metade do seculo XVI e André Reynoso no ultimo quartel d'este e meados do seguinte.

O retabulo da nossa ermida foi, sem duvida a meu vêr, pintado por André Reynoso.

A sua existencia vagamente delineada, como vimos, fica portanto um pouco mais visivel chamando a attenção para o ponto



Concurso pecuario. — Touro hollandez do sr. L. Van den Berg, (Cliché de A. C. Lima), que obteve o 1.º premio

d'onde partimos, que nos prova ter trabalhado em Lisboa, onde provavelmente residia, executando encomendas, e ter pintado paineis, indicando ainda o anno preciso de 1610, o preço de 20\$000 réis e outras indicações importantes que serão uteis a quem quizer fazer um estudo desenvolvido d'este artista, e um documento de valor e seguro auxiliar para a critica do que porventura já tenha apparecido a este respeito.

13-3-910

LUIZ BERNARDO LEITE ATHAIDE.

- (1) Dictionnaire Historique et Artistique du Portugal, pag. 241.
- (2) Archivo dos Açores, volume 2.º pag. 445.
- (3) Noticia de alguns pintores portuguezes e de outros que, sendo estrangeiros, exerceram a sua arte em Portugal, a pag. VI da introdução.
- (4) Les arts en Portugal a pag. 137 e 247.
- (5) Les arts en Portugal a pag. 289 e 444.

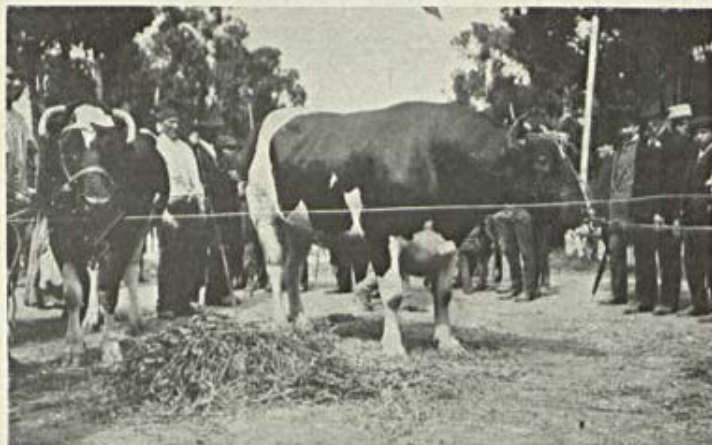
O antecessor dos automoveis

Todos os dias se verifica que não é infundado o prólogo romano que diz «que não ha nada novo debaixo do sol».

Os automoveis não são uma invenção puramente dos nossos dias, posto que seja agora que elles tomaram grande incremento, attingindo uma tal ou qual perfectibilidade. Tem-se já conseguido muito, mas ainda virá tempo em que se profira a ultima palavra sobre o assumpto.

No seculo XVIII, quando reinava em Portugal D. José I, experimentou-se em Paris um carro de transporte, que se movia por meio do vapor d'agua. Eis como, em carta de 4 de dezembro de 1769, D. Vicente de Sousa Coutinho, nosso representante em Paris, expunha a D. Luiz da Cunha o resultado da experiencia:

«Um engenheiro chamado Cugnot construiu uma machina em forma de carro, que se move pela força dos vapores da agua, e pôde



Concurso pecuario. — Touro de raça turina que obteve o 1.º premio, pertencente ao sr. Castanheira de Moura (Cliché de A. C. Lima).

ser muito util para transportar varios moveis. Já se repetiu a experiencia no pateo do duque de Choiseul, conduzindo por si o tal carro perto de mil arrateis de peso, e logo que se conclua a nova machina de maior força será apresentada a sua magestade».

A expiação

Eu fui um dos da pristina legião
Dos Anjos, que se ergueram contra o Eterno,
E seculos sem fim vivi no Inferno,
Nos supplicios da eterna maldição.

Um dia, um pensamento de perdão
A mim desceu, como um clarão superno:
Bati as azas negras e do Averno
Me alei tremendo á divinal mansão.

Foi-me, ao principio, todo o ceu adverso:
Mas, piedosa, por mim rogou Maria,
Ao ver-me triste, em minha dôr immerso.

«Baixa, me disse o Padre, á Terra fria:
Teus dias passa a amar, em prosa e em verso,
E assim teus crimes miserando expia!»

João Penha.

O pintor Nuno Gonçalves

(Continuação)

Durante muito tempo, essa figura intrigou-nos. A touca que essa personagem ostentava não tinha, na verdade, um grande caracter religioso, por as suas pontas não terem o comprimento da ordem; mas a capa cinzenta, o habito da mesma cor, a toalha sobre-queixada e, ainda, o rosario que lhe pendia das mãos eram signaes mais que suficientes para a indicar como terceira clarista.

Quem era, porém, essa professa?

A Duqueza de Coimbra, ou a segunda mulher do primeiro Duque de Bragança?

Ambas vestiram o habito de terceiras seculares: a Duqueza de Coimbra, não sabemos em que data, embora, pelo que conta o auctor da *Historia Seraphica*, o tenha feito depois de viuva, isto é, depois de 1440. D. Constança de Noronha, em 1461, no convento dos frades de S. Francisco de Guimarães, segundo o refere o auctor da *Historia Genealogica da Casa Real*. E isto é incontestado para quem tiver examinado a figura jacente d'esta ultima, ainda existente na igreja do S. Francisco do mencionado convento, e o tumulo de franciscana, existente na igreja do novo convento de Santa Clara de Coimbra. A inscripção do primeiro e o escudo que adorna o segundo põem de parte qualquer duvida, como a levantada pelo auctor da *Historia Seraphica*, relativamente ao de Santa Clara. Neste ponto, estamos de accordo com o sr. Dr. Ribeiro de Vasconcellos que, no 1.º volume da sua valiosa monographia, *Dona Isabel de Aragão*, reivindica este tumulo para a viuva do Infante D. Pedro.

Morto, porém, este em Alfarozeira, a situação desgraçada em que ficou a Duqueza, "fugitiva e perseguida", segundo o sr. Dr. Ribeiro de Vasconcellos e o auctor da *Historia Seraphica*, permitiria que esta Infanta fosse representada nos quadros? E, admitindo-se mesmo que o Rei desejasse velar a entrar n'essa composição, prestar-se-hia a isso a infeliz viuva, que, no dizer de Frei Manuel da Esperança, se recolheu para as bandas de Lisboa, onde morreu segundo uma Memoria do Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, "na era (do Nascimento de Christo) 1459, aos 17 dias de setembro, ?

Entendemos que sim. D. Affonso V era um impulsivo. O seu desforço contra o Infante D. Pedro, seu tio e sogro, por elle considerado rebelde, foi o resultado do trabalho de sapa dos inimigos d'aquelle seu tutor e regente. E, se após Alfarozeira, se não arrependeu, não perdendo a seu primo D. Pedro, que, durante muito tempo, viveu homiziado em Castella, foi por estar convencido da justiça do seu procedimento. Não accedeu por isso, de começo, ás supplicas de sua mulher, a quem idolatrava, nem ás reclamações e quasi

ameaças de seus tios, os Duques de Borgonha. Mas, d'ahi até ao odio e proposito de extermínio da familia de sua mulher, vai muito. E, assim, apesar da intriga que continuou implacavel, a indispol-o com todos os d'essa raça, nem abandona um só instante a Rainha, nem parece ter perseguido a valer a sogra, nem a cunhada D. Philippa, que ficou, com aquella, no reino.

Temos a prova d'isso em dois documentos encontrados no Archivo da Torre do Tombo, em na chancellaria de D. Affonso V, o outro no Livro III dos Misticos. O primeiro é de 22 de julho de 1450 e n'elle, a pedido da Rainha, é concedida licença á Duqueza para se aposentar, quando lhe aprouver, "nos paços de Montemor-o-Velho", (liv. 34, fl. 128). O segundo é de 31 de julho de 1452, e regista a licença concedida á mesma Duqueza para usar das jurisdicções "de Monte moor e tentugal, ambas villas suas, (fl. 264).

Depois, ainda no mesmo Livro III dos Misticos, depara-se-nos o seguinte, que, se, por um lado, prova que o partido opposto ao Infante D. Pedro é o que continua então a dar as leis, demonstra, comtudo, também que D. Affonso V mantinha, pelo menos, uma certa cordealidade nas suas relações com a mãe de sua esposa. Esse documento, com data de 26 de junho de 1455, vem a folha 244 do referido livro e diz textualmente: "A Infanta D. Isabel nossa muito presada e amada tia e madre nos enuiou dizer por muitas vezes em como o marquez de Valença em certos seus reguengos ouuera per o caso do Infante D. Pedro que Deus haja, certas herdades, os quaes reguengos erão em termo da sua vila de tentugal... e que nos pedia... que nos mandassemos ao dito marquez que os uendessem... porquanto não queria com elle demanda. E esta cordealidade de relações entre os dois mantem-se por tal forma, que, a 5 de março de 1455, D. Affonso V lhe fez a principessa dadiua de 120\$000 reaes. O respectivo registo está a fl. 49, v. do livro 15, da chancellaria de D. Affonso V e diz: "Considerando nos a muyta rrazom que teemos aa Infante dona Isabel minha muito prezada e amada tia e madre teemos por bem e lhe outorgamos que aja... 120\$000 reaes pera ajuda da sua manteença e dona C.^a (Catharina) sua filha que com ella esta dos quaes averá pagamento por as nossas sissas de monte moor o velho e da feira do dito lugar e por as sissas de monte moor o velho e da feira do dito lugar e per as sissas de Tentugal...".

N'esta data, ainda não tinha nascido o futuro D. João II, que só viu a luz do dia em 3 de maio d'esse anno; e, se só após esse grande acontecimento, a Rainha conseguiu que o marido fizesse inteira reparação á memoria do Infante D. Pedro, mandando trasladar, com toda a pompa, para a Batalha, os ossos do martyr de Alfarozeira, já antes d'isso conseguia concessões, como esta que acima referi-

Arte Portuguesa Primitiva

Quadros do pintor Nuno Gonçalves



'Painel do Arcebispo

(Estado anterior ao tratamento) *

* Veja o N.º 273 — O mesmo quadro depois de restaurado.

mos, para sua mãe. O estado de gravidez da Rainha, e o receio de que qualquer contrariedade, que ella soffresse, pudesse ser fatal para a esposa e para o successor, tão desejado, concorreram provavelmente para aquella liberalidade do Rei.

E D. Constança de Noronha, segunda mulher do primeiro Duque de Bragança? Edade, traje e, até, as feições, se, como já dissemos, se pôde ligar valor, sob esse ponto de vista, á escultura jacente do seu tumulo, condizem inteiramente com a franciscana pintada por Nuno Gonçalves. Resta a sua situação, que, evidentemente, é secundaria, em relação á da mãe da Rainha, sobretudo desde que, como nos parece, tenhamos de aceitar como d'esta, embora postumo e feito por estudos do natural, o retrato de mulher pintado em frente do de D. Affonso V.

Entretanto, a situação da Casa de Bragança, a mais rica de todas as casas nobres da península, e, sobretudo, o seu poder durante o reinado de D. Affonso V e especialmente depois da morte do Infante D. Pedro, podia, até certo ponto, explicar a existência d'essa figura no quadro, como é também razão para vermos, n'um dos painéis mais pequenos, o dos "cavalleiros", o 1.º, 2.º e 3.º Duques de Bragança.

D. Affonso V tinha uma grande affeição a seu tio D. Affonso e era dedicadissimo aos filhos e netos d'este. Não perdeu uma unica occasião de os distinguir, preterindo, mesmo, por vezes, parentes mais proximos. Assim, foi o Conde de Ourem, primogénito da Casa de Bragança e, em 1451, creado Marquez de Valença, quem conduziu a Infanta D. Leonor a Italia, para ahi a entregar ao Imperador Francisco III, seu esposo, e isto apesar de o Infante D. Fernando, irmão do Rei, e a quem este era affeccionadissimo, pretender esse honroso encargo. A sahida clandestina do reino, d'este Principe, com destino a Napoles, onde ia avistar-se com seu tio, o Rei D. Affonso, parece ter tido essa causa; e, não tendo D. Fernando chegado a entrar n'aquelles Estados e tocando só em Ceuta, foi ahi buscado por ordem do Rei, com seus filhos, D. Fernando e D. João, e outros fidalgos, o Conde de Arrayolos, segundo filho do Duque de Bragança.

No anno de 1455, quando se baptizou o Principe D. João, levou-o o Duque de Bragança á pia baptismal e foi um dos seus padrinhos, e logo, pouco tempo passado, quando, nas Côrtes d'esse mesmo anno, foi jurado aquelle Principe herdeiro do throno, foi o Marquez de Valença quem "teve n'este acto a espada do Principe".

Resolvida a expedição á Africa, de que resultou a tomada de Alcacer-Ceguer em 1458, o Duque, apesar da sua edade avançada, queria seguir com seus filhos, o Marquez de Valença e o Conde de Arrayolos, já então Marquez de Villa Viçosa, e seus netos, filhos d'este, D. Fernando e D. João; mas, tendo-se opposto D. Affonso V, por temer que as forças do Duque, já caçado da muita edade e trabalhos, o trahissem, nomeou-o Regente do reino, conferindo-lhe

assim a honra maior que podia dispensar-lhe. E esta distincção é depois repetida na pessoa do 2.º Duque, que é encarregado da regencia do paiz, ao quando da expedição de que resultou a tomada de Arzila.

De resto, não ha liberalidade que o rei não dê aos membros d'aquella casa, que, então, pelas suas prerogativas e dominios, era a mais poderosa, das não reinantes, de toda a Hespanha. Com o 2.º Duque, que é, ao lado do Infante D. Pedro, de quem foi amigo dedicadissimo, uma das figuras mais nobres da sua epoca, d'esse fidalgo que se illustrou pela penna e pelas armas, e de quem diz um historiador illustre que,

n'elle, "não concorria mais parcialidade do que a razão", D. Affonso V, "desde que começou a reinar o estimou com tanta confiança, que lhe encomendou os negocios mais arduos do seu tempo, e lhe fez especiaes mercês, devidas mais aos seus grandes meritos, do que ao seu cuidado". E se, em 1448, o Conde de Arrayolos não tivesse sido ardilosamente arredado da corte, não teria talvez o reinado de D. Affonso V a mancha indelevel de Alfaroqueira. O futuro 2.º Duque de Bragança luctou, quanto pôde, para conseguir a concórdia entre as duas facções em lucta, e a carta que o Infante D. Pedro dirige ao Conde de Arrayolos, se mostra bem a innocencia e a grandeza d'alma do Duque de Coimbra, não mostra menos a rectidão, a bondade e a virtude do futuro Duque de Bragança. Infelizmente, o Conde teve de sahir precipitadamente para Ceuta e o drama seguiu o seu curso até desfechar na mais tenebrosa das tragedias.

Assim, é convicção nossa que a figura que ajoelha no primeiro plano do "painel dos cavalleiros", é o 1.º Duque de Bragança, sendo a que pousa no segundo o Marquez de Villa Viçosa, ao deante 2.º Duque, e a que se vê, de pé, no terceiro plano, D. Fernando, Conde de Guimarães, ao deante Duque d'este titulo e depois 3.º Duque de Bragança.

E' certo que, a ter o 1.º Duque nascido em 1370, como pretende D. Antonio Caetano de Sousa, o qual diz que, quando elle falleceu, em 1461, tinha mais de noventa annos, deveria, n'esse caso, já andar proximo d'esta edade quando aqui foi retratado, o que não concorda muito com o aspecto do personagem das taboas de Nuno Gonçalves. Mas a affirmativa do auctor da *Historia Genealogica* não

nos merece confiança, por falta de fundamento. A data do nascimento de D. Affonso, como a de seus filhos, é até hoje desconhecida, sabendo-se unicamente, com segurança, que casou a primeira vez em 1401, o que permite dilatar-se o anno do seu nascimento até 1380, ou ainda até mais tarde, e então não repugnará identificá-lo com o personagem das taboas de S. Vicente a que nos vimos referindo. E isto é tanto mais razoavel, quanto o Duque, em 1458,



Arte Portuguesa Primitiva

Quadros do pintor Nuno Gonçalves

Painel dos frades

Painel da reliquia

(Estado anterior ao tratamento) ¹

¹ Veja o N.º 273 — Os mesmos quadros depois de restaurados.

ainda se sentia com forças para passar á Africa, onde desejava ir tomar parte na tomada de Alcacer.

A figura que ajoelha no segundo plano é a de um homem de mais de cinquenta annos, e isto condiz com a idade que então teria o Marquez de Villa Viçosa, cujo nascimento certo se ignora, como se desconhece a data do nascimento do Conde de Ourem, seu irmão mais velho, mas que deve ter nascido antes de 1410, pois, se, em 1428, ainda ambos eram de menor idade, como se vê por um documento existente no archivo da Casa de Bragança, e em que o



Arte Portuguesa Primitiva

Quadros do pintor Nuno Gonçalves

Painel dos cavalleiros

(0m,57 x 2m,20)

(Depois de restaurado)

1.º Duque requer como curador dos filhos, n'essa data realisa-se já o casamento do Conde de Arrayolos, nascendo d'esta união o 3.º Duque, em 1430.

Na data da realisação das taboas, este filho do Marquez de Villa Viçosa andava perto dos 30 annos, o que ainda se harmonisa com a idade presumível do cavalleiro que Nuno Gonçalves pintou no painel, em terceiro logar.

Não foi, porém, só o facto das coincidencias que acabamos de constatar que nos suggeriu e fez acceitar como a mais logica a hypothese de serem essas tres figuras os tres primeiros Duques de Bragança. Para esta nossa convicção, concorreu ainda ter o artista retratado, no plano immediato ao occupado pelo 3.º Duque, esse typo estranho de guerreiro, de pelle tisonada pelo sol, a cabeça coberta com um casco reluzente de aço e, contrariamente ás outras

figuras de cavalleiros representados n'esta e nas outras taboas, com o rosto emoldurado por uma forte e negra barba.

Isolada dos seus tres companheiros, a identificação d'essa figura não deixaria de formular-se com relativa facilidade; mas, junta com elles, rubrica-se mais claramente, e não já sómente a si, mas também aos seus irmãos d'armas. Para nós, temol-a como o retrato de D. Duarte de Menezes o governador e defensor de Alcacer, onde combateu com o Marquez de Villa Viçosa e seus filhos, D. Fernando e D. João. D. Duarte esteve em Portugal em 1460, anno em que foi feito Conde de Vianna (3.º do titulo), e era da maior intimidade dos Duques de Bragança. D. Fernando, futuro 3.º Duque, e já então Conde de Guimarães, acompanhou-o, quando, em 1461, D. Duarte voltou á Africa, onde veio a morrer gloriosamente "como cavalleiro de grande coração que elle era", em combate, na serra de Benacofú, em 1464.

Depois, a tornar esta nossa identificação ainda mais verosimil, ha ainda precisamente o facto de os tres duques estarem no mesmo painel isolados dos outros personagens da corte. O Duque de Bragança e a sua familia tinham, como já vimos, uma situação excepcional, no reino, e, assim, em 1455, no acto de ser jurado em côrtes o herdeiro do throno, o procurador de D. Affonso jurou logo depois do Infante D. Henrique, seguindo-se, ao Duque de Bragança, D. Pedro, filho do Infante D. Pedro e, a este, o procurador do Marquez de Villa Viçosa. Mas, para o orgulho de D. Affonso, isso mesmo devia ser talvez doloroso, pois o facto representava ainda uma subalternização, sobretudo na precedencia do Infante D. Pedro sobre aquelle seu filho. E é, por isso, curioso notar-se que, n'essa solemnidade, emquanto que o Infante D. Henrique e o Infante D. Pedro compareceram em pessoa, o Duque e o Marquez de Villa Viçosa fizeram-se representar por procuradores.

Ora, se, em 1455, e n'um acto como o do juramento do herdeiro da corôa, podia doer a D. Affonso que elle e, sobretudo, seus filhos occupassem um logar secundario, muito mais devia repugnar-lhe figurarem em eguaes circumstancias, para a posteridade, n'um retabulo votado ao padroeiro de Lisboa e destinado á Sé. D'ahi, provavelmente, a idéa do agrupamento com os seus dois herdeiros, n'um só painel.

JOSÉ DE FIGUEIREDO.

Calino é chamado a toda a pressa para photographar um morto.

Depois de collocar a machina e dispôr o foco, o retratista volta-se para o cadaver e exclama:

— Cuidado! Não se mecha!

O mal d'El-Rei

(Conclusão)

Na manhã seguinte a cidade do trabalho animava-se, acordando para a lucta, e os velhos proletarios partiam, curvados, para os coutos dos senhores, a cumprir o tributo annual do trabalho gratuito, a pejar lhes os celeiros, a reparar-lhes as ameias que os protegiam da peonagem servil, contra que ella despedaçava seus impetos, quando um dia se levantava a proclamar o seu direito á vida, a pedir o seu quinhão de existencia, do bem estar e belleza que lhe alargasse o mundo além da montureira, em que nascia e vegetava...

No lar, muito sujos e muito chorosos, num lar sem fogo nem pão, estiolavam os filhos até ao dia em que curvariam o dorso ao peso d'uma enxada, em que carreteariam, encosta acima, a pedra para restaurar as muralhas do senhor, ou levantariam os seixos da vinha do senhor...

E nas estreitas ruas sinuosas e humidas — onde os animaes chapinhavam — soavam as marteladas dos tanceiros nas aduellas, a bigorna do serralheiro ou a imprecação indignada d'um revoltado que levantava os braços aos céus, n'uma aspiração nervosa e desesperada...

Na casa da comuna reuniam-se os bons-homens — a magra liberdade consignada n'uma carta, custosamente arrancada ás mãos avidas e cruéis do senhor...

A Liberdade! Quantas lagrimas, quantos lares desertos, quantas nevroses, quantos desanimos ella custára!

Como as ondas impetuosas que vêm de longe, avolumando-se, rugindo, se precipitam temerosamente sobre a rocha, que aguarda placida o ataque, para as desconjuntar em seguida, n'um temeroso esfacelamento, assim a onda burguesa avolumára, precipitára-se... mas contra as ameias os vagalhões desfazião-se em cadaveres, as

esperanças ruíam, como os palácios das fadas, ao sopro d'um vendaval temeroso... Vinham em seguida as espectativas dolorosas, os tacitos arrependimentos, a desesperança... e depois a fria indiferença d'um bando, todo em veludo e oiro, fogosos ginetes ricamente ajaezados, charmelas festivas, a anunciar a justiça do se-

d'uma fita heraldica, assistiram á transferencia dos poderes do senhor cruel para os bons homens, egoistas e indifferentes...

No campanario soava o sino a convocar a assembleia communal e pelos atalhos a multidão escoava-se, lentamente, pesadamente, dilatando os peitos ao ar frio da manhã...

ASSUMPTOS RELIGIOSOS

Os santos populares



Santo Antonio

(Celebre escultura em madeira, de J. Fernandes Caldas, existente na igreja da Ericieira)

nhor... os velhos mestreaes andrajosos e magros, como um tronco seco, suspensos da forca ignominiosa, a lividez dos moribundos, os olhos terrificos, a lingua pendente... enquanto as mães se rojavam por terra, descrendo de Deus e da Vida.

E um dia, quando os senhores, mais zelosos da sua tranquillidade e segurança, outorgaram essa carta de emancipação, esmolada n'um amarello pergaminho, com um pesado sello, pendente

Do outro lado da estrada, a meio da planicie, a velha cathedral de naves em cruz, somnolenta e triste, d'altas pilastras trabalhadas — obra paciente de espiritos melancolicos, meditando talvez nos róxos martyrios d'um Christo doce e resignado — erguia as suas torres rendilhadas e altivas, topetando as nuvens, como aspirando ao infinito. Ao lado, por um quarto de legua, estendia-se a massa homogenea e branca do mosteiro silencioso como um tumulto inve-

rosimil, prolongando-se por um alto muro, onde as madre-silvas floriavam, tombando em festões opulentos e odorosos...

Apenas as badaladas espaçadas e os roucos gemidos do órgão acordavam aquella somnolencia morbida... E aos domingos, á luz polycromica e fanada que se coava pelos vidros das ogivas, a multidão abatia se, sofredora, ante um Deus, a que aspirava anciada-

O funeral de Eduardo VII



O rei de Inglaterra e o imperador da Alemanha cavalgando atraz da carreta que conduzia os restos mortaes do fallecido monarcha

A grandeza do luctuoso acontecimento, o pesar que causou em Portugal e no mundo inteiro a morte do grande rei que foi Eduardo VII, e finalmente a imponencia do seu funeral, levam-nos a consagrar ainda ao assumpto algumas paginas d'esta Revista, onde elle deve ficar archivado no seu conjunto, porque ha acontecimentos que nunca perdem a actualidade — são uma lição de historia sempre palpitante.

mente, sofregamente, por entre orações soluçadas e nuvens d'incenso... E no côro, o órgão em linhas sonoras e em variações caprichosas, contava as passivas resignações da tristeza conventual e o velho soffrer da multidão exausta... As abobadas gigantesas como se penetravam e enchiam das harmonias, vibrando todas n'uma sonolencia mole, n'um enlanguescimento voluptuoso, embalando, consolando as quentes lagrimas das virgens abandonadas, o choro silencioso das mães, o bruto mal estar inconsciente d'uma multidão, estupidificada na desgraça... E as macerações agonizantes, como se volatilizavam, subindo, librando-se n'um outro mundo, para além da vida de luta e de fome, embriagadas pelas nuvens de incenso, confundindo se como um triste raio de sol e um doce raio de luar...

E no domingo, quando o irmão porteiro abria as largas portas da cathedral, a multidão irrompia, atropelando-se, como a acolher-se ao seio quente d'uma mãe comum, como disputando um bem estar ineffavel e incomprehendido... D'olhos cegos, refugiava-se,

avida e vencida, nos mysterios sobre-humanos da religião... como um languido devasso nas pregas mornas d'um leito sensual...

Durante a semana, o convento parecia morto, no meio da natureza fecunda e incessante, como um escolho, impavido, no meio do mar revoltoso.

Os frades, curvados sobre os velhos pergaminhos, á luz baça d'uma cella exigua, em frente d'um Christo d'olhar maguado, iam devassando velhas grandezas, acima da monotonia quotidiana das matinas, architectando sonhos labirinticos e difficeis, mas alguma coisa, que lhes levava a alma. Ao accorder desse devaneio dialectico e metafísico, cerrando o in-folio, logo de novo os apossava a velha tristeza, e fechavam o colofon com uma lamentação elegiaca, testemunho que ficaria para os seculos...

Ao pôr do sol desciam ás varandas do claustro, para onde davam as portas das cellas, pequenas e d'uma uniformidade atona, e olhavam o jardim soturno, lá no fundo, entre as arcadas, d'um verde lavado e humido, as nespereiras e as roseiras juncando de folhas os bancos de pedra que rodeavam o lago... E do fundo do pequeno horto subia um aroma desolador de natureza constrangida e os ruidos discretos das sandalias do irmão jardineiro...

Outros erravam pela cerca umbrosa, de mãos no regaço, abatidos, vendo correr a agua nos regueiros, e os leigos, anafados e lentos, sachando a vinha... ou meditavam longamente n'algun recanto, humido de avencas, n'uma gruta de azulejos limosos, em vão procurando um senso para a vida, de balde aspirando nos lividos estertores da sua alma, que se morria, a uma vida de verdade... O Amor? Deus? A Lucta?... E cansados, abatiam-se na apathia inconsciente da cella solitaria, da cerca silenciosa, ou ás nevroses ethereas e consoladoras das melodias potentes do órgão re-



O funeral de Eduardo VII

Uma scena commovente occorrida durante o funeral. A rainha Alexandra acariciando o cão favorito do rei Eduardo

soando pelas abobadas da cathedral, coando-se aos céus pelos picos trabalhados dos campanarios...

E á noite, na escuridão solitaria da estreita cella, vinham os estremecimentos nervosos da carne, o indizível mal estar, os braços em vão procurando outro corpo, apertando-se magros e tremulos

contra o peito, os surdos rugidos... e em seguida o desfazer-se d'uma alma em lágrimas candentes e devoradoras...

Passavam lhes então, magicamente, ante os olhos, erguendo-se das trevas da exígua quadra, as visões deslumbradoras d'um mundo

de luta e aventura, os monges cavalleiros, de cruz no hombro, em corceis relinchando fogosos, os turbantes brancos e as adagas brilhando ao sol, um povo invencível defendendo a sua terra e a sua crença, encarniçando-se contra as lorigas resistentes dos inimigos,

O funeral de Eduardo VII



O cortejo passando pelo bairro de Whitehall

novos ceus, novos mundos, novas emoções, a vida para o coração, a actividade para o espirito, a paisagem para os olhos...

E quando o sol penetrava pela fresta gradeada, aquecendo o Christo de marfim, transido n'aquella tristeza algente... resoava o órgão seus hymnos mysticos, desfazendo-se em harmonias, diluindo se aos ceus em saudades e lagrimas, como côro unisono de mil almas...

Já da estrada, os cavalleiros lançaram um ultimo olhar á cidade negra de miseria, cintada de muralhas, que iam entroncar com os muros festonados de verdura da cerca do mosteiro, todo branco no seu silencio oppressivo.

No palacio o rei vagava tragico e ululante pelas altas salas de gothicas columnas... e os physicos repetiam:

— El-rei soffre!

FIDELINO DE FIGUEIREDO.

ANECDOTAS

Fontenelle era, segundo dizem, um apaixonado amator d'espargos. O seu amigo intimo o Cardeal Dubois não era menos guloso

por elles. Mas gostava de os comer com molho de manteiga enquanto Fontenelle os preferia com azeite e vinagre.

Foram ambos um dia convidados a jantar em casa de madame Tencin, e como ella conhecesse essa differença de gostos deu ordem ao cosinheiro de preparar metade dos espargos com molho de manteiga e outra metade com azeite e vinagre. No momento de se sentarem á meza esperava-se apenas a chegada do abbade Dubois, mas em vez do cardeal veiu um mensageiro annunciar a morte que se dera repentinamente. Fontenelle exclamou: «Morto!... Mas isso é, com certeza verdade?»

Infelizmente, respondeu o mensageiro é mais que verdade o que lhe digo.

Immediatamente Fontenelle deu um salto para a cosinha e gritou com todas as forças dos seus pulmões:

«João, os espargos todos com azeite e vinagre!!!»

83

Dizia um conhecido bebedor ao padre que o confessava e reprehendia por tal vicio:

— Meu padre, o bom vinho faz o sangue; o bom sangue produz a satisfação; a satisfação faz nascer os bons pensamentos; os bons pensamentos produzem as boas obras; e as boas obras conduzem ao ceu, portanto o vinho é a origem de todos os bens.

— Amen, amen, respondeu o padre, já convertido pelo penitente.



O funeral de Eduardo VII

A carreta mortuaria atravessando Windsor seguida dos reis, principes e embaixadores estrangeiros, que constituíam a comitiva de Jorge V



O funeral de Eduardo VII. — Em Windsor — Um cortejo de reis e príncipes



Gymnasio. O Arco da Velha, revista em 3 actos e 12 quadros, original de Xavier da Silva e João Bastos, musica de Alfredo Mantua e Wenceslau Pinto. — **D. Amelia,** companhia de zarzuela.

Foi pouco fértil a semana em assumptos theatraes, e a não ser a representação do *Arco da velha* no **Gymnasio** e uma ou outra zarzuela nova no **D. Amelia**, nada mais houve digno de menção, e já que vem a talho de foice devemos dizer que a companhia agradou extraordinariamente, graças não só ao seu vastíssimo repertorio, como também ás magnificas interpretações que todas as noites nos apresentaram Pilar Marti, Dolores Cortés, Latorre, Lamas, Hervás e todos os demais. Foi uma época excellente.

— Está provado e sabido, e fastidioso se torna repetit-o, que o genero preferido pelo nosso publico é a revista, e por isso todos os nossos emprezarios a elle recorrem como unico salvaterio dos seus interesses compromettidos, e com tanta confiança, que não se arreceiam de dispendir grossas sommas em luxuosos guarda-roupas, vistosos scenarios e mais exigencias de machinismo, do que seriam incapazes para uma peça de outro genero, não porque não tenham uma nitida comprehensão do que é arte e da fórma como ella se

pratica, mas, porque o publico não corresponde a esse sacrificio, mercê, digamos a verdade, de um certo corrompimento de gosto. Logo, portanto, a necessidade imperiosa de transigir, embora, muitas vezes, com uma certa repugnancia, com as platéas, que preferem a uma boa obra de arte, os descabros que a maioria dos nossos escriptores, por sua vez forçados tambem a transigir, usam introduzir no genero: os fadinhos de sabor diverso, recalçados sobre mil outros sobejamente conhecidos; as coplas abrejeiradas, vomitadas, quasi sempre, em completa dissonancia com a orchestra; as *buchas* asnatias dos *compères*; e os *maillots* cõr de carne que esticados nas pernas das mulheres lhes atacam a concupiscencia.

Não julguem, porém, os que nos lêem que nós somos inimigos fígadaes do genero, ou que pretendemos demolir-o. Não, o que nós queriamos era menos e melhor; que presidisse a estes trabalhos uma somma maior de bom-senso e de espirito critico; que não se abusasse tanto da benevolencia do publico, servindo-lhe como um cosinhado de occasião, comida requentada centenas de vezes, propositadamente carregada de pimenta — o *puxacante* aos applausos. As revistas até a uma certa época eram uma critica aos acontecimentos do anno; depois passaram a sê-lo aos do semestre, do trimestre e hoje já não o são de coisa alguma; alludem n'uma ou n'outra phrase, mais ou menos feliz, a um assumpto qualquer de brado ou de escandalo e por tudo mais passam de largo, mostrando-nos factos e figuras que em nada interessam, que nenhuma interferencia tiveram nos ultimos acontecimentos, mas que a phantasia imaginativa do auctor para alli se lembrou de atirar para encher, justamente por lhe escassear o espirito critico. De modo que estas revistas tanto podem ser representadas no anno de 1910, como seis annos atraz.

Mas, agora reparo, ia-me alongando em considerações e nada lhes dizia do ultimo trabalho dos srs. Xavier da Silva e João Bastos. ... esta só pelo *Arco da velha*.

Teem os supracitados senhores em varios trabalhos dado provas de um grande espirito de observação e de não menos graça, — qualidades estas essenciaes para a feitura de uma revista. Graça espalharam elles, e com profusão, por todos aquelles doze quadros, onde se reproduz tudo quanto já se tem visto em todas as outras revistas: o garoto dos jornaes, o moço de esquina, o varredor da camara ao qual vem methodicamente ligada a agulheta da rega, o

Uma festa de caridade no theatro D. Maria II,
promovida por uma commissão de senhoras da nossa primeira sociedade



O grupo — *A desgarrada*

duetto dos meninos que são sempre dois tranalhadaças a quem sentimos guinadas de zurzir fortemente, a *cocotte*, a menina do conservatorio, um *compère* amoldado na mesma fôrma dos outros e acompanhado de um menino que, por signal, é sempre uma menina, e como era tudo gente conhecida extranhámos não vêr por lá a *Arcada*, a *Política* ou o *Peccego*.

Na bôca, porém, d'estes typos muito explorados elles souberam pôr phrases superabundantes de graça e de ironia, que nos fazem estalar o riso, encaixilhados n'um bem trabalhado dialogo, o que é pouco vulgar nos nossos revisteiros, e portanto de originalidade, para o nosso meio, e a isso, inquestionavelmente devem os distinctos comediographos uma parte do exito do seu trabalho que foi recebido pelo nosso publico com bastante agrado, pelo que, estamos convencidos, deve fazer carreira.

A musica, que ouvimos alcinhar de pretenciosa, com o que discordamos por completo, tem muita originalidade e ouve-se com agrado, pois é de facilima comprehensão e afasta-se em absoluto

da rotina costumada dos motivos sedícios, communs a todas as revistas.

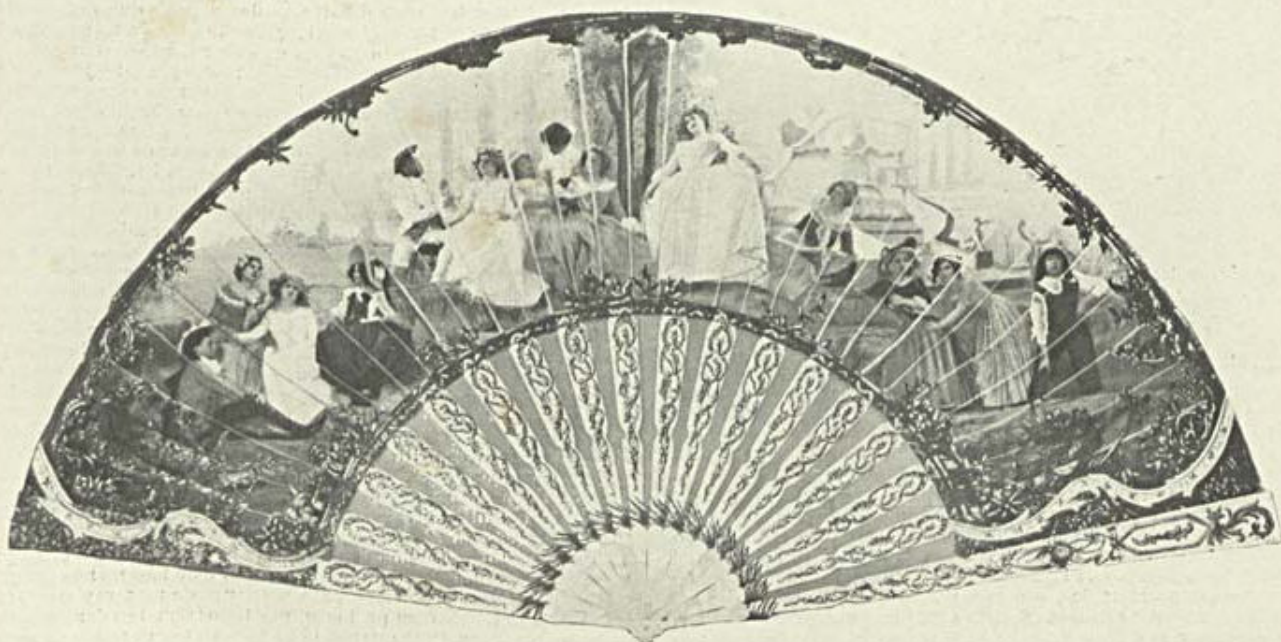
O desempenho foi, como não podia deixar de ser, esplendido, o que não admira, pois figuravam no programma os nomes de Mercedes Blasco, que conserva toda a frescura da sua voz e da sua graça, Jesuina Marques, meticulosa em todos os seus trabalhos, Laura Hirsch, Perpetua Viegas, Julia Paredes, Flora Dyson, Alda Aguiar, Virginia Farrusca, e do elemento masculino Teimo, Cardoso, Alegirim, Monteiro, Pedro Machado, Vieira Marques, Sampalo, etc.

Os côros e orchestra afinados, a *mise-en-scène* de Penha Coutinho muito acertada; e o scenario de Luiz Salvador de muito effeito, assim como o guarda-roupa de Castello Branco.

Resumindo: — Aos auctores não falta talento nem graça. Afastem-se um pouca das velharias, mostrem-nos outros typos e critiquem mais os factos da actualidade, que... dão no vinte.

Tem recursos para fazer cousas do arco da velha.

Ruy.



Leque artistico na recita elegante do theatro D. Maria